

A disputa pelo palanque de FH

Governo só está tranqüilo em Roraima, em Santa Catarina e na Bahia. Resto do país é incógnita

Denise Rothenburg e Luís Costa Pinto

BRASÍLIA

O mapa do Brasil vai ficar menor. Pelo menos para a campanha do presidente Fernando Henrique Cardoso à reeleição. Às voltas com uma coligação que reúne dois dos maiores partidos do país, PFL e PSDB, e que ainda deverá incluir um terceiro, o PMDB, Fernando Henrique está muito longe de conseguir palanques tranqüilos em mais da metade dos estados, requisito essencial para levá-lo a repetir a performance de 1994, quando se apresentou como pai do Plano Real e ganhou no primeiro turno.

Se confirmadas as previsões dos partidos, a campanha de 98 será muito mais difícil e complicada pelas disputas regionais entre aliados do que a de 1994. Tranqüilidade, mesmo, só há hoje em três estados: Roraima, Santa Catarina e Bahia, onde Fernando Henrique já fez a sua opção pelo PFL do líder do Governo na Câmara, Luís Eduardo Magalhães. Em outros lugares, porém, o presidente não poderá pisar, sob o risco de ter que escolher um aliado e desagradar a todos os demais.

Dos três maiores colégios eleitorais do país — São Paulo, Estado do Rio e Minas Gerais — só no caso do Rio existe possibilidade de acordo, ainda que remota, entre o ex-prefeito César Maia (PFL) e o governador Marcello Alencar (PSDB). Em São Paulo, PSDB, PFL e PMDB se mostram como água, óleo e graxa: não se misturam. Em Minas Gerais, idem: cada um parte num rumo diferente. Tontos com tanta confusão, os integrantes do comando geral da reeleição terão que fazer muito esforço para conseguir arrumar os palanques:

— Ainda é cedo para gastar neurônios com as composições eleitorais de 1998. Precisamos trabalhar para dar ao presidente um bom programa de governo para defender nos palanques como extensão deste seu mandato — avalia o autor da emenda de reeleição, deputado Mendonça Filho (PFL-PE).

Interesse regional dos deputados é preponderante e traz problemas

Enquanto o comando pensa no programa, a base pensa na disputa estadual, a prioridade número um de 90% dos deputados. Interessados na própria sorte em 98, eles começam a compor palanques que prometem dores de cabeça a Fernando Henrique. São Paulo, dizem assessores palacianos, faz o presidente franzir a testa: o PFL, que marchou com o tucano Mário Covas, eleito em 1994, pretende lançar o senador Romeu Tuma, numa estratégia para ter um nome puxador de votos para o partido. Mas, na hipótese de segundo turno entre Paulo Maluf e Covas, os pefelistas têm Maluf como endereço certo.

Em Minas Gerais, a bagunça dos palanques se mostra pior que em 94, quando Fernando Henrique se escondia do candidato dos pefelistas, Hélio Costa, e desfilava ao lado do então protegido e hoje governador Eduardo Azeredo (PSDB), apoiado por Hélio Garcia (PTB). Desta vez, Azeredo, que já se coloca como candidato, terá problemas e o presidente também: o PMDB pretende lançar o prefeito de Contagem, Newton Cardoso. Newton, como é conhecido, ajudou o presidente na emenda da reeleição em troca de neutralidade em campo mineiro. O PFL ofereceu a legenda ao ex-presidente Itamar Franco. A manobra cobre um santo e descobre outro: livreria Fernando Henrique do incômodo de ter o ex-presidente como seu concorrente direto em 98, mas embola o palanque. Itamar jamais concordaria em se candidatar a governador sem o apoio de Fernando Henrique.

— Como ele irá a Minas, com Itamar num palanque, o governador no outro e Newton, que é aliado dele, em outro? Se ele pedir voto para o Eduardo e deixar o Itamar de lado, Minas não vai perdoar essa traição ao Itamar. Se ele pedir voto para o Itamar, estará traindo o seu protegido de 1994, outra coisa que mineiro não perdoo — lembra o deputado Israel Pinheiro (PTB-MG).

Em Pernambuco, outro colégio eleitoral de primeira grandeza, Fernando Henrique não poderá sequer pisar, pelo menos até segunda ordem. O senador Carlos Wilson (PSDB) deflagrou uma corrida pelos quatro cantos do estado atrás do mandato de governador. O PFL do vice-presidente Marco Maciel está fechado com a candidatura Jarbas Vasconcelos (PMDB). O presidente da Ra-

diobrás, Maurílio Ferreira Lima (ex-PMDB, hoje PSDB), vai procurar a direção dos tucanos para tentar abortar as manobras de Wilson:

— Os três partidos aliados em torno de Jarbas e de outros candidatos fortes peemedebistas nos estados serão o aceso que o PMDB precisa para se sentir incluído na chapa em 1998. Se a aliança não for bem feita, a reeleição de Fernando Henrique corre riscos. A fase “euforia real” já passou. O real hoje é a moeda do país. As duas últimas eleições presidenciais trouxeram caras novas nesse plano, como o próprio Fernando Henrique. Quem garante que não vai surgir alguém novo que passe credibilidade para tocar a estabilidade econômica?

Paraná e Rio Grande do Sul apresentam palanques complicados. Franco favorito para a reeleição, o governador Jaime Lerner (PDT) começa a ser assediado pelo PFL. O senador Roberto Requião (PMDB) pretende ocupar a raia dois. Álvaro Dias (PSDB) ameaça correr na três. No Rio Grande do Sul, onde Fernando Henrique foi três vezes em 94, num palanque afinadíssimo, os tucanos ameaçam rebelião porque o PMDB do governador Antônio Britto planeja jogar para escanteio o vice-governador Vicente Bogo (PSDB) e fechar uma chapa com Luís Eduardo Cheidda (PPB), ex-presidente da Assembleia Legislativa.

— Na ampla aliança que se fez em 94, o governador agora quer nos jogar para escanteio. Estamos em meio a um contrato e ele já vai romper. Vamos sair junto com o PFL, sem o PMDB — ameaça a deputada Yeda Crusius (PSDB-RS).

PSDB era fraco em Mato Grosso em 1994 mas agora tem o governador

Já em Mato Grosso, tucanos e pefelistas não se misturam. O PFL pretende lançar ao Governo o senador Júlio Campos, o mesmo que, em 94, levou o candidato Fernando Henrique a uma reunião evangélica. Naquela época, o PSDB não apitava no estado, mas agora tem um candidato forte: o novo tucano governador Dante de Oliveira (ex-PDT). O PMDB pensa em lançar o ex-relator-geral do Orçamento, senador Carlos Bezerra, como uma terceira opção. O quadro está tão complicado que o deputado Rodrigues Palma (PTB-MT) foi a Fernando Henrique sondar suas chances para o Governo e saiu com o seguinte conselho: “Se eu fosse você, disputava o Senado”.

O Amazonas foi terreno proibido em 1994. Fernando Henrique nem chegou ao estado na campanha. Hoje, ainda é campo minado. Lá, PFL e PSDB são arquiinimigos. Agora, o governador Amazonino Mendes, enlameado com denúncias de compra de votos e um emaranhado de acusações de favorecimento a empreiteiras, se tornou um perigo para a imagem da campanha nacional. Pisar lá nem pensar, diz um publicitário ligado à campanha.

Em Alagoas, só Guilherme Palmeira (PFL-AL), considerado a “mãe Diná” do Congresso, terá uma engenharia política capaz de um arranjo que convença PMDB, PFL e PSDB a lançarem candidato único. Por enquanto, está cada um na sua: o PMDB lança Renan Calheiros e o PSDB pensa em ir com seu presidente, senador Teotônio Vilela Filho, que poderia ser apoiado pelo PFL.

Como há lugares em que não há mãe Diná que dê jeito, Fernando Henrique terá que fazer opções. No Maranhão, por exemplo, onde Roseana Sarney disputará com Epitácio Cafeteira e o PSDB já decidiu que com Roseana não terá conversa, o presidente deverá ficar com a filha de José Sarney.

No Pará, a disputa entre Jader Barbalho (PMDB) e Almir Gabriel (PSDB/PFL) deverá levar Fernando Henrique ao mesmo palanque de 1994. Mas há dificuldades: o PFL já armou uma rebelião contra o governador e o caso está sendo analisado pela direção nacional do partido.

Num ponto, os três aliados do presidente concordam: haverá dificuldades. Mas um acusa o outro:

— É indiscutível que haverá mais dificuldades na campanha do próximo ano do que em 1994. O Governo fez alguma alianças estratégicas com setores conservadores da sociedade que poderão não ser muito bem assimiladas pelo seu eleitor e será necessário que o presidente Fernando Henrique reafirme, nos palanques, sua autoridade sobre o seu próprio Governo — considera o deputado Arthur Virgílio Neto (AM), secretário-geral do PSDB. ■



FERNANDO HENRIQUE: apoio coeso em 94, por causa da expectativa de poder, agora está dividido, porque todo mundo quer uma parte

O JOGO POLÍTICO DE PSDB, PMDB E PFL

O MAPA DOS ALIADOS

● **ACRE:** Dificuldades. PFL, PSDB e PMDB querem candidatos próprios.

● **ALAGOAS:** Há chances de acordo entre PFL e PSDB. PMDB deve seguir sozinho.

● **AMAPÁ:** PFL e PMDB em palanques opostos. PSDB está indefinido.

● **AMAZONAS:** Dificuldades. PFL e PSDB em palanques distintos. PMDB indefinido.

● **BAHIA:** Sem chance de acordo entre PFL e PSDB. Há chances entre PSDB e PMDB.

● **CEARÁ:** Há grande chance de acordo entre PSDB, PMDB e PFL.

● **DISTRITO FEDERAL:** Há chances de acordo entre PMDB, PFL e PSDB.

● **ESPÍRITO SANTO:** Dificuldades. PSDB, PFL e PMDB estão montando palanques distintos.

● **GOIÁS:** PMDB sozinho. PFL e PSDB buscam acordo.

● **MARANHÃO:** Dificuldades. PFL num palanque com apoio do PMDB. PSDB

busca alternativas fora da base aliada.

● **MATO GROSSO:** Dificuldades. PSDB, PMDB e PFL devem vir em palanques distintos.

● **MATO GROSSO DO SUL:** PSDB e PFL devem se unir contra o PMDB.

● **MINAS GERAIS:** Sem chance de acordo. PMDB, PFL e PSDB querem palanques distintos.

● **PARÁ:** Dificuldades. PMDB sai sozinho. PFL e PSDB tentam um acordo.

● **PARAÍBA:** Dificuldades. PMDB pode sair sozinho. PFL busca chapa com PSDB.

● **PARANÁ:** Dificuldades. PSDB, PMDB e PFL querem ter candidatos próprios.

● **PERNAMBUCO:** Dificuldades. PFL e PMDB têm acordo. PSDB busca apoio do PSB.

● **PIAUI:** PSDB se une ao PMDB e PFL sai sozinho.

● **RIO DE JANEIRO:** Pode haver acordo

entre PFL e PSDB. O PMDB não se decidiu.

● **RIO GRANDE DO NORTE:** Há fortes chances de acordo entre o PSDB e o PFL, isolando o PMDB.

● **RIO GRANDE DO SUL:** PSDB e PFL tentam formar chapa. PMDB, que é Governo, deve se unir ao PPB.

● **RONDÔNIA:** Dificuldades. PMDB e PFL terão candidatos distintos. PSDB está indefinido.

● **RORAIMA:** Acordo fechado entre PSDB e PFL. PPB e PTB em palanques distintos.

● **SANTA CATARINA:** Acordo fechado: PSDB e PFL contra o PMDB, desgastado pelo escândalo dos precatórios.

● **SÃO PAULO:** Sem a menor chance de acordo. PMDB, PFL, PSDB e PPB terão candidatos próprios.

● **SERGIPE:** Sem chance de acordo. PFL e PSDB terão palanques distintos. PMDB está indefinido.

● **TOCANTINS:** Há chances de acordo entre PSDB, PMDB, PFL e PPB.